

# Uma era de novas investigações?

Allan Deneuve

*Professor de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade  
Montaigne de Bordéus - Vice-presidente de Relações Internacionais do  
SFSIC*

Gala Hernández López

*Artista-investigadora e cineasta. O seu trabalho articula a investigação  
interdisciplinar com a produção de filmes-ensaio, instalações vídeo e  
performances sobre os novos modos de subjetivação especificamente  
produzidos pelo capitalismo digital computacional.*

Jacopo Rasmi

*Professor de artes visuais e de estudos italianos na Universidade Jean  
Monnet (Saint Etienne)*

Tradução de Carolina Salomão

Em 2014, o veículo de investigação *Bellingcat* provou que a queda do voo 7 da Malaysia Airlines na Ucrânia era de responsabilidade da Federação Russa. Para isso, trabalhou principalmente com dados digitais de livre acesso<sup>1</sup>. Em 2019, a agência de pesquisa *Forensic Architecture* publicou os resultados de uma investigação tanto no terreno quanto à distância que demonstrava ataques químicos com herbicidas contra Gaza por parte de Israel<sup>2</sup>. Em 2022, Elon Musk, um dos homens mais ricos do planeta, ofereceu US\$ 5.000 para que o rastreamento de seus voos em jato particular deixasse de ser publicado online por uma conta no Twitter que divulga informações aeronáuticas públicas.

Cada um desses exemplos pertence ao campo das práticas de investigação civil que se apropriam da informação de livre acesso segundo estratégias de inteligência nascidas no campo policial e estatal. Estes investigadores desenvolveram métodos OSINT (*Open Source Intelligence*) que se beneficiam da proliferação de dados multimídia tornados publicamente acessíveis pela web das plataformas, dos vazamentos e das redes sociais. Eles elucidam casos geopolíticos e criminais além dos relatos oficialmente estabelecidos. Estas investigações de baixo para cima e em rede desdobram poderosas capacidades de compreensão crítica do que se passa perto e longe de nós<sup>3</sup>.

### **Coletivos forenses e violência institucional**

Hoje, as contra-investigações em fontes abertas apoiam, direta ou indiretamente, grupos militantes, fornecendo-lhes metodologias para construir um discurso de *verdade*. A transparência desejada da metodologia, explicitando os prós e contras da investigação, visa fortalecer os depoimentos das vítimas frente às autoridades. A investigação sobre violência policial motiva muitas pesquisas por grupos como *Forensic Architecture*<sup>4</sup> e

---

<sup>1</sup> Consulte o site da mídia independente: [www.bellingcat.com/tag/mh17](http://www.bellingcat.com/tag/mh17)

<sup>2</sup> Consulte o site do coletivo: [forensic-architecture.org/investigation/herbicide-warfare-in-gaza](http://forensic-architecture.org/investigation/herbicide-warfare-in-gaza)

<sup>3</sup> Para uma introdução às questões em jogo e à história recente da OSINT, consulte o dossiê dedicado a ela na revista I2D (2021, nº 1), disponível on-line, bem como a edição 186 da revista Hérodote (2022).

<sup>4</sup> Consulte o site do coletivo para ver uma seção inteiramente dedicada a investigações sobre violência policial: [forensic-architecture.org/category/police-violence](http://forensic-architecture.org/category/police-violence)

INDEX (na França). O importante trabalho do New York Times sobre a morte de George Floyd<sup>5</sup>, visto por dezenas de milhões de internautas, deu visibilidade a esse tipo de abordagem.

Essas operações são inconcebíveis sem o desenvolvimento de ferramentas e infraestruturas de produção e transmissão de informação (textual, visual, sonora...) que caracterizam a era digital. Quando Spike Lee queria retratar a violência policial que sua comunidade sofria nos Estados Unidos na década de 1980 (*Do The Right Thing*, 1989), ele parecia ter apenas o meio ficcional e a invenção de um personagem: Radio Raheem. Vinte anos depois, os registros audiovisuais desse tipo de evento se multiplicaram e circulam. É o que Spike Lee destaca ao montar imagens ficcionais de sua obra fundadora com imagens documentais e amadoras dos assassinatos de George Floyd e Eric Garner (morto em 2014) em seu curta-metragem *Three Brothers* (2020)<sup>6</sup>. As condições contemporâneas da OSINT estão interligadas às novas táticas de registro e difusão de informação. Pense no "copwatching" armado com uma câmera no caso Rodney King (1991) ou na rede de mídia militante *Indymedia* (1999) do movimento antiglobalização, que desempenhou um papel de contra-investigação durante a manifestação de Gênova em 2001.

Importantes investigações desse tipo também permitem documentar violações dos direitos humanos em situações migratórias: no contexto da travessia do Mediterrâneo<sup>7</sup> e das devoluções ilegais pela agência Frontex<sup>8</sup>, da travessia dos Alpes e da

---

<sup>5</sup> Evan Hill, Ainara Tiefenthäler, Christianne Triebert, Drew Jordan, Halley Willis & Robin Stein (2020, 31 mai). How George Floyd Was Killed in Police Custody, The New York Time. [www.youtube.com/watch?v=vksEJR9EPQ8](https://www.youtube.com/watch?v=vksEJR9EPQ8)

<sup>6</sup> O filme está atualmente disponível no Vimeo: [vimeo.com/429100845](https://vimeo.com/429100845)

<sup>7</sup> Consulte a seção dedicada no site da Forensic Architecture: [forensic-architecture.org/category/forensic-oceanography](https://forensic-architecture.org/category/forensic-oceanography)

<sup>8</sup> Julia Pascual e Tomas Statius, "Frontex, l'agence européenne de gardes-frontières, a maquille des renvois illégaux de migrants en mer Egée", *Le Monde*, 27 de abril de 2022, [www.lemonde.fr/international/article/20](https://www.lemonde.fr/international/article/2022/04/27)

perseguição policial que leva à morte<sup>9</sup>; ou ainda no caso da violência policial em campos de refugiados e da escravidão de exilados<sup>10</sup>.

### **Poderes e limites da investigação *Open Source***

Importantes comunidades políticas e militantes se reúnem online em torno das práticas OSINT, seja através de fóruns ou canais de discussão, para realizar pesquisas conjuntas e trocar ferramentas de investigação. Essa dimensão coletiva já estava presente nas primeiras pesquisas do *Bellingcat*<sup>11</sup>. Diante da enorme quantidade de dados na web, nunca há olhos demais para observá-los ou habilidades complementares demais para compreendê-los e organizá-los. Assim, verdadeiras comunidades colaborativas se formam através de discussões sobre pesquisas específicas e também através da formação, pois a internet também é um local para se treinar em OSINT, especialmente com a ajuda dos muitos tutoriais disponíveis no YouTube.

Essas pesquisas podem ser motivadas por engajamento político, focar em tópicos urgentes ou até mesmo se tornar uma espécie de gamificação. O prazer da investigação por si só, a diversão do jogo de detetive, é amplamente cultivado no universo de blogueiros e outras figuras da internet vernacular. Um exemplo perfeito é o vídeo "“MICHAELSOFT BINBOWS” *isn't what you think it is*"<sup>12</sup> de Nick Robinson, com quase dois milhões de visualizações. Nele, o YouTuber expõe cada etapa do caminho que o levou a descobrir, usando o *Google Street View*, a origem geográfica de uma das primeiras fotos virais da internet. Por outro lado, títulos de tutoriais no YouTube como "*How to Stalk People Effectively and Legally Through OSINT*" ou "*OSINT tools to track you down. You*

---

<sup>9</sup> Veja o importante trabalho realizado pelo coletivo Border Forensic: [www.borderforensics.org](http://www.borderforensics.org)

<sup>10</sup> Marina Rafenberg, Tomas Statius, Thomas Eydoux, Arthur Weil-Rabaud, Marceau Bretonnier, Elisa Bellanger, Adrien

<sup>11</sup> Sobre esse assunto, consulte o livro que traça a história dessa mídia: Higgins, E., *We are Bellingcat, an intelligence agency for the pessoas*. Bloomsbury Publishing, 2021

<sup>12</sup> Disponível on-line: [www.youtube.com/watch?v=yDzAAjzbV5g&ab\\_channel=NickRobinson](https://www.youtube.com/watch?v=yDzAAjzbV5g&ab_channel=NickRobinson)

*cannot hide*" levantam questões sobre a relação entre OSINT e práticas de "stalking", associadas ao aumento dos "justiceiros autoproclamados"<sup>13</sup>.

Tanto o OSINT quanto o "*stalking*" reúnem, analisam e contextualizam documentos encontrados online. Se as ferramentas OSINT empoderam os cidadãos, elas também levantam questões éticas sobre a privacidade online. O filme *Watching the Detectives* (2017) de Chris Kennedy explora essas derivações ao estudar uma comunidade online que investiga os atentados de Boston de 2013 no *Reddit*. Por tais razões, o projeto *Exposing the Invisible*, promovido pela *Tactical Tech*, oferece ferramentas de acesso livre para treinamento em investigação (especialmente no ambiente digital), incentivando a reflexão sobre métodos, objetivos e limites, em suma, sobre a ética de tais práticas investigativas, como explica Laura Ranca, coordenadora do projeto.

Esse vínculo com o público também é uma questão central no desenvolvimento da OSINT no jornalismo profissional. Aurélie Ledoux, Olivier le Deuff e Rayya Roumanos argumentam que o OSINT concedeu aos jornalistas a oportunidade de restaurar sua reputação. Ao tornar seus métodos de investigação transparentes, os jornalistas se aproximam de seus leitores e se consolidam como um contrapoder político. Para coletivos políticos ou militantes, a OSINT permite a criação de um sistema que expõe  *fatos* verificados, servindo como base para uma *verdade pública compartilhada*, como defendem os membros do coletivo INDEX.

### **OSINT como inteligência**

Seria um erro considerar a OSINT apenas como um conjunto de práticas militantes para denunciar a violência estatal. As primeiras ferramentas de investigação *open source* foram desenvolvidas por agências de inteligência, como o próprio nome francês de OSINT, ROSO ("*renseignement d'origine sources ouvertes*"), indica. É importante ter em mente essa passagem da inteligência para as práticas cidadãs ao refletir sobre a relação entre esses métodos e a vigilância policial. O OSINT é, sem dúvida, uma

---

<sup>13</sup> Sobre esse assunto, consulte a análise de Gilles Favarel-Garrigues e Laurent Gayer ("*Le temps des justiciers autoproclamés*") em *Le monde diplomatique* (novembro de 2021).

arma a serviço dos mais fracos, mas também se baseia em um regime de transparência e vigilância instrumentalizado próprio dos métodos governamentais<sup>14</sup>.

A investigação forense é hoje utilizada por diversas agências governamentais. Na Grã-Bretanha, por exemplo, é utilizada para testar o discurso dos candidatos sobre o direito de asilo<sup>15</sup>. Na França, é utilizada para verificar suas declarações e posições. O Parlamento francês também aprovou uma lei, apesar do parecer muito desfavorável da CNIL, que permite aos serviços de combate à fraude rastrear massivamente dados online<sup>16</sup>. O artigo de Kevin Limonier e Marie-Gabriel Bertran nesta edição mostra também como a Rússia o utiliza para obter dados no contexto da guerra na Ucrânia.

Alguns grupos de ativistas agora estão propondo parar de se filmar em manifestações para não fornecer à polícia um registro digital de sua presença. Em uma sociedade de investigação em fontes abertas, a dissimulação e a discrição são armas. Na era digital, elas podem assumir diversas formas, como policiais americanos que tocam músicas com direitos autorais durante suas intervenções para que os vídeos não sejam transmitidos ao vivo no Instagram<sup>17</sup>. Na era digital e da hiperprodução de dados, o direito à opacidade é importante, mas o contexto de produção e recepção dos documentos também. Imagens e textos sozinhos não provam nada, eles ganham sentido em um contexto particular de recepção e através da ligação com outros textos e imagens. **O vídeo de uma manifestação dos *Gilets Jaunes* pode, após uma investigação OSINT, mostrar a amplitude do movimento e permitir a visualização de violência policial, por um lado. Por outro, pode ser uma ferramenta para identificar participantes e levar a prisões<sup>18</sup>.**

<sup>14</sup> Sobre essas questões, recomendamos o discurso de Félix Tréguer no seminário de outubro de 2021 "Les images en communs", organizado pela associação "Après les réseaux sociaux" (disponível on-line em <https://vimeo.com/571541044>). Para obter uma estrutura teórica mais geral, consulte também o dossiê dirigido por Emmanuel Alloa e Yves Citton: "Tyrannies of transparency" (Tiranias da transparência), *Multitudes*, no 73, 2018.

<sup>15</sup> <http://lawrenceabuhmdan.com/the-freedom-of-speech-itself>

<sup>16</sup> [www.lemonde.fr/pixels/article/2019/11/13/la-surveillance-des-reseaux-sociaux-contre-la-fraude-fiscale-adoptee-l-assemblee\\_6019063\\_4408996.html](http://www.lemonde.fr/pixels/article/2019/11/13/la-surveillance-des-reseaux-sociaux-contre-la-fraude-fiscale-adoptee-l-assemblee_6019063_4408996.html)

<sup>17</sup> [www.vice.com/en/article/bvxa7q/new-video-shows-beverly-hills-cops-playing-beatles-to-trigger-instagramcopyright-filter](http://www.vice.com/en/article/bvxa7q/new-video-shows-beverly-hills-cops-playing-beatles-to-trigger-instagramcopyright-filter)

<sup>18</sup> Sobre essas questões, consulte também "Du contrôle à la sousveillance", *Multitudes*, n° 40, 2010.

## Estética da investigação

Essas investigações, por sua ligação com a natureza indicial dos dispositivos de vídeo e suas metodologias, exploram os dois lados clássicos da argumentação: persuadir e convencer. Se não levarmos em consideração a *estética da investigação*, perderemos uma parte importante dessas investigações. Essas práticas partem da produção, descoberta ou coleta de dados para chegar à construção negociada de um relato que os relaciona e os ordena de forma significativa. Em geral, a investigação OSINT busca obter resultados verificáveis que nos ajudem a entender um mundo marcado por uma forte densidade semiótica. Ela deve chegar à revelação ou decifração de uma realidade até então ignorada ou mal compreendida, a conclusões não contidas na base de dados (mas que dela derivam). O campo artístico, no entanto, seria uma exceção a essa regra metodológica. Vale a pena examinar as diferenças entre a OSINT como forma artística e a OSINT como prática sociológica, ativista, judicial, jornalística ou científica. Também vale a pena determinar quais podem ser suas especificidades em uma época em que a criação, impulsionada por urgências políticas e ecológicas cada vez mais prementes, parece tender cada vez mais a se aliar às ciências sociais.

Parece que hoje "criar" rima cada vez mais com "investigar". Essa constatação é compartilhada por várias análises que surgiram por volta de 2019 em diferentes campos da pesquisa em ciências humanas: a de Danièle Meaux (*Enquêtes. Nouvelles formes de la photographie documentaire*), a de Laurent Demanze (*Un nouvel âge de l'enquête*) e a de Aline Caillet (*L'art de l'enquête. Savoirs pratiques et sciences sociales*)<sup>19</sup>. Há muitas maneiras de entender e situar essa tendência: a virada documental nas práticas artísticas; a articulação entre essas práticas e o conhecimento científico, em um contexto de engajamento; o desenvolvimento espontâneo e a valorização institucional da interseção entre pesquisa e criação. Já para John Dewey<sup>20</sup>, a função artística era a chave para as investigações - e principalmente para sua transmissão - para descrever o mundo que

---

<sup>19</sup> Consulte também a obra fundamental de Franck Leibovici: *des opérations d'écriture qui ne disent pas leur nom*, Paris, Questions Théoriques, 2020.

<sup>20</sup> John Dewey, *The Public and Its Problems* [1915], Paris, Folio, 2010.

compartilhamos, mobilizando a sociedade de diferentes formas. Um programa ainda atual, mas com uma nova atualidade derivada da imposição das infraestruturas digitais.

As mídias digitais das redes, apreendidas como "documentos", alimentam hoje "poéticas documentais" e/ou "forenses" que "descongelam" essas informações ao destacar "as saliências dos documentos e as arenas que os contêm"<sup>21</sup>. Em uma linhagem histórica com práticas do ensaio cinematográfico, analítico e reflexivo, baseado no estudo crítico de materiais audiovisuais documentais e suas possibilidades de mobilização (representadas de forma emblemática por Harun Farocki), esses gestos criativos se inscrevem em uma preocupação menos "alética" ("é verdade?") do que "ética": "qual ponto de vista é colocado sobre esses documentos? O que implica a seleção feita? Faz justiça aos documentos proceder dessa maneira?"<sup>22</sup>. Nesse sentido, eles constituem um importante espaço de consciência crítica em relação à absorção cega das demonstrações OSINT. Por exemplo, quando estas assumem a forma de uma estética-lógica da fatalidade que nos leva inexoravelmente de um ponto A a um ponto B (o que repete uma certa forma de discurso de autoridade que elas tentam contradizer); ou a forma de uma caixa preta que esconde as ferramentas tecnológicas e as metodologias que estruturam a informação.

Por outro lado, algumas práticas artísticas inspiram-se livremente nas formas plásticas, protocolos, fontes ou metodologias da OSINT sem necessariamente querer produzir uma verdade científica verificável. Assim, a investigação pode ser esvaziada de sua dimensão funcional e teleológica, mantendo, por exemplo, apenas a exibição de bancos de dados heterodoxos, ou levando à formulação de um relato irônico, absurdo ou poético. A investigação, escreve Jeff Barda neste dossiê, também significa "estar em busca de", um processo, um movimento, uma trajetória. Em vez de revelar uma verdade oculta ou encontrar respostas, o objetivo desses artistas é mostrar os meandros e as sinuosidades da investigação realizada a fim de gerar ou satisfazer "afetos epistêmicos" como a curiosidade<sup>23</sup>. Nas obras de Chloé Galibert-Lainé e Franck Leibovici, se há investigação, é

---

<sup>21</sup> Franck Leibovici, *des opérations d'écriture qui ne disent pas leur nom*, op. cit. p. 91. [FORMATAÇÃO]

<sup>22</sup> *Ibid*, p. 112.

<sup>23</sup> Herman Parret, *Les passions. Essai sur la mise en discours de la subjectivité*, Bruxelas, P. Mardaga, 1986.

uma investigação da investigação, pois "não há simplesmente uma excitação em 'ter descoberto", mas sim uma excitação no processo de elaboração conceitual e uma espécie de adesão [...] dos sentimentos, dos afetos, ao próprio conteúdo cognitivo dessa elaboração"<sup>24</sup>.

A tendência à investigação na arte contemporânea pode transformá-la em um instrumento a serviço das ciências sociais, quando sua autonomia está correlacionada à sua função crítica, estética e poética<sup>25</sup>. Assim, o reconhecimento do trabalho da *Forensic Architecture* no campo artístico –o coletivo chegou a ser indicado ao Prêmio Turner em 2018 – contribuiu para gerar confusão sobre a natureza de suas produções. O contexto do espaço museal que muitas vezes acolhe o trabalho do grupo britânico, na falta de outros espaços físicos de exposição e visibilidade, por vezes pôde identificar suas pesquisas como um objeto puramente estético, prejudicando assim sua credibilidade ou minimizando a impressão de um rigor científico.

### **Onde terminam nossas contra-investigações?**

Ao contrário do jornalismo ou do sistema judicial, a arte pode se dar ao luxo de não ter como objetivo a obtenção de uma verdade clara, absoluta e objetiva. O objetivo pode ser, ao contrário, desviar-se, desorientar-se em uma multiplicidade de fontes e dados, percorrer um território (virtual): uma experiência mais flutuante, indecisa. Trata-se de explorar os poderes da "dimensão estética da pesquisa"<sup>26</sup>. Corentin Lê afirma: "talvez a essência de uma investigação, de um enigma ou de uma pesquisa, resida menos na resolução do que no método". A dimensão lúdica e sensível da investigação é, portanto, celebrada e acolhida por algumas práticas artísticas que se detêm em saborear os prazeres dos desvios, dos caminhos que não levam a lugar nenhum, das voltas atrás, das pistas

---

<sup>24</sup> Jean-Louis Genard e Marta Roca i Escoda, "La dimension esthétique de la recherche", *Éthique de la recherche en sociologie*, Jean-Louis Genard, Marta Roca i Escoda (dir.), Louvain-la-Neuve, De Boeck Supérieur, 2019.

<sup>25</sup> Alain Caillé (ed.), *Des sciences sociales à la science sociale. Fondements anti-utilitaristes*, Paris, Hermann, 2018.

<sup>26</sup> Genard e Roca i Escoda, *ibid.*

falsas, do suspense e da serendipidade. Quando Franck Leibovici faz um inventário não exaustivo de possíveis métodos e fontes para OSINT, sua ambição não é produzir algum tipo de (contra-)verdade factual. Ao oferecer um retrato parcial, desordenado e poético de uma sociedade de fontes abertas, ele apela para a esfera estética dos meios liberados de sua relação com um fim, dos meios puros, do gesto<sup>27</sup>.

O curta-metragem "*Searching for the Perfect Gentleman: An Investigative Journey*", de Lena Windisch (2019)<sup>28</sup>, que apresenta uma investigação realizada apenas com dados e imagens de fontes abertas, sobre um pôster visto na vitrine de um barbeiro em Marselha, faz o mesmo. De forma similar, "*A Business With No End*" (2018) é uma investigação OSINT que a artista Jenny Odell<sup>29</sup> fez para o New York Times. Apresentada como um "buraco de coelho da internet", a autora constrói uma trajetória vertiginosa de site em site, usando apenas ferramentas online gratuitas (*Wayback Machine*, *Website Informer*, curtidas e posts do Facebook, bancos de dados de marcas registradas ou bancos de imagens...), na tentativa de encontrar uma explicação para um pacote da Amazon entregue em um endereço errado. O trabalho de Windisch, assim como o de Odell, evidencia a estreita interconexão entre online e offline, e a forte dimensão geográfica das investigações OSINT, simultaneamente localizadas e à distância. Investigações OSINT "sem fim", mas também sem objetivo, sem finalidade.

Quando a função central do artista-investigador é testar as "metodologias em ação nas ciências sociais e na produção de conhecimento"<sup>30</sup>, e problematizar a própria condição de investigador, assumindo principalmente a tarefa de crítica epistemológica disciplinar, ele questiona a forma como construímos nossos dados sobre a realidade. Ele inventa e imagina suas próprias ferramentas e métodos de investigação – e de sua exibição – que podem ser adaptados às singularidades de cada caso, problema e contexto. Assim, em vez de afirmar uma verdade categórica, ele pode construir uma situação em que, por exemplo,

<sup>27</sup> Giorgio Agamben, *Moyens sans fin*. Notes sur la politique, Paris, Rivages, 2002.

<sup>28</sup> Disponível on-line: <https://vimeo.com/345729820>

<sup>29</sup> Disponível on-line em: [www.nytimes.com/interactive/2018/11/27/style/what-is-inside-this-internet-rabbit-hole.html](http://www.nytimes.com/interactive/2018/11/27/style/what-is-inside-this-internet-rabbit-hole.html)

<sup>30</sup> Caillet, op. cit. p. 17.

o público assume uma posição de deliberação e deve produzir sua própria verdade diante dos dados expostos.

Para o artista que investiga, seguindo o paradigma indiciário de Ginsburg, os detalhes marginais, microscópicos, invisíveis ou insignificantes da experiência tornam-se rastros, pistas, sintomas reveladores a serem interpretados que se impõem sobre as regras metodológicas ou científicas canônicas e estabelecidas. Como exemplo, o último trabalho de Eyal Weizman (fundador da *Forensic Architecture*) e Matthew Fuller propõe uma estética da investigação (*investigative aesthetics*) baseada na teoria dos "modos de sentir/detecção"<sup>31</sup> que considera todo objeto material e toda forma de vida como um sensor que, como uma fotografia, detecta e registra as mudanças em seu ambiente. Essa materialidade sensível não fala por si mesma, pelo menos para nós, humanos: é preciso, portanto, decodificar sua linguagem para tornar inteligível seu testemunho. O futuro da estética OSINT se desenha como o desenvolvimento de meios pelos quais os incidentes do real captados pelos não-humanos serão detectados, registrados, transformados em dados e apresentados a um público humano: "uma questão crucial para a estética é desenvolver capacidades de criação de sentido adaptadas a tais pluralidades de sensações"<sup>32</sup>. Transformar a multiplicidade dos modos de existência do planeta em fontes abertas, fazer colaborar a inteligência humana com a não-humana.

### **Novas ecologias da investigação**

Afirmar a ressurgência de uma era revogada e fundadora das investigações (entre os séculos XIX e XX) não é suficiente. Indicar a absorção e hibridização dessas práticas nas atividades artísticas também não. Ao analisar a explosão das práticas OSINT através das redes, somos impelidos a repensar o paradigma e o imaginário com os quais concebemos o processo investigativo. É uma era de novas investigações, pois estas emergem e elaboram novos ambientes de informação e conhecimento. O paradigma e o

---

<sup>31</sup> Weizman, Fuller, *Investigative Aesthetics. Conflicts and Commons in the Politics of Truth*, Londres, Verso books, 2021, p. 39-40.

<sup>32</sup> *Ibid*, p.36.

imaginário "clássicos" outrora traçavam o retrato: 1. de um investigador (masculino), profissional e solitário; 2. que se desloca para o campo; 3. a fim de identificar e apreender uma realidade ocorrida (embora não imediatamente legível)<sup>33</sup>. A observação das iniciativas OSINT nos convida a uma ecologia alternativa dos gestos de investigação (tanto atual quanto potencial). Não se trata apenas de contra-investigações que levem a conhecimentos alternativos e antagônicos em relação aos impostos de cima para baixo (pelos meios de comunicação, instituições e grandes empresas...), mas sim de maneiras diferentes de agir.

Investigar em código aberto muitas vezes significa: 1. trabalhar de forma colaborativa, em rede, entre cidadãos envolvidos (muitas vezes amadores, às vezes em simbiose com profissionais); 2. agir remotamente estudando mediações (documentos disponíveis), podendo articular essa investigação com outra presencial e no campo; 3. não se deter apenas no estabelecimento de uma verdade factual pura, em uma dinâmica mais prospectiva (portanto, mobilizadora e geradora). Essas novas dimensões da investigação OSINT também se originam das teorias de investigação difundidas no campo socioantropológico (como as de Tim Ingold ou Bruno Latour), retomadas e declinadas em uma perspectiva engajada por muitos pensamentos eco-políticos contemporâneos<sup>34</sup>. As práticas OSINT podem contribuir para esse trabalho investigativo militante, como demonstra o interesse da associação *Tactical Tech* na articulação entre luta ecológica e novos gestos de investigação<sup>35</sup>.

Há mais de trinta anos, o teórico Frederic Jameson indicava a dificuldade de produzir e manter uma inteligência compartilhada do mundo em que vivemos. Para ele,

---

<sup>33</sup> Sobre esse modelo de fundação, consulte Luc Boltasni, *Enigmes et complot. Une enquête à propos d'enquêtes*, Paris, Gallimard, 2012. Suas limitações foram destacadas por Christophe Hanna (durante o seminário "Arts et littératures de terrain", Université Jean Monnet), que propõe a noção de exploração no lugar da de investigação.

<sup>34</sup> A questão da investigação desempenha um papel importante no trabalho de Josep Rafanell I Orta, *Fragmenter le monde*, Paris, Divergences, 2018; Emmanuel Bonnet, Diego Landivar e Alexandre Monnin, *Héritage et Fermeture. Une écologie du démantèlement*, Paris, Divergences, 2021; Lena Balaud e Antoine Chopot, *Nous ne sommes pas seuls. Politique des soulèvements terrestres*, Paris, Seuil, 2021.

<sup>35</sup> Leopold Salzestain, "No Disaster Is Natural: How Investigating Climate Change Adaptation could make a Difference" (2021), <https://exposingtheinvisible.org/en/articles/investigating-climate-change-adaptation>

as representações conspiratórias eram um sintoma proeminente da falta de nossa "cartografia cognitiva" (*cognitive mapping*), de nossa incapacidade de apreender e descrever a realidade em que vivemos<sup>36</sup>. Hoje, é fácil observar uma proliferação de "contra-investigações aberrantes" baseadas em recursos de acesso livre - comumente chamadas de "conspiratórias". O impulso (político, lúdico, intelectual) da investigação nesses casos desliza para uma vertigem doentia e autorreferencial que poderia ser chamado, com Chloé Galibert-Lainé, de "*forensickness*". A aberração dessas contra-investigações reside na vontade de reagir ao bloqueio das "narrativas tóxicas" (Wu Ming 1) difundidas de cima para baixo por uma Verdade fantasiada igualmente bloqueada e belicosa, baseada em efeitos superficiais de demonstração. Assim, essas operações acabam por negar a tarefa mais frágil e politicamente emancipadora de uma "verificação" exploratória e unificadora - como um processo aberto, plural e coletivo - que uma parte importante da OSINT coloca em prática<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Fredric Jameson, "Cognitive mapping", em Cary Nelson & Lawrence Grossberg, *Marxism and the Interpretation of Culture*, Chicago, University of Illinois Press, 1988.

<sup>37</sup> Sobre a questão da verificação aberta, consulte Eyal Weizman, *La vérité en ruines. Manifesto para uma architecture forensique*, Paris, Zones, 2021.